

AQUELES PERIGOSOS RADICAIS SOCIALISTAS: OS BOLCHEVIQUES E A REVOLUÇÃO RUSSA NA COBERTURA E NOS DISCURSOS DO *THE NEW YORK TIMES*

THOSE DANGEROUS RADICAL SOCIALISTS: THE BOLSHEVIKS AND THE RUSSIAN REVOLUTION IN THE NEW YORK TIMES DISCOURSE AND COVERAGE

Emmanuel dos SANTOS¹

Resumo: Este artigo discute os eventos mais significativos do primeiro ano da Revolução Russa sob a perspectiva do influente diário norte-americano *The New York Times*. Procuraremos enfatizar como o discurso jornalístico, a partir do estudo da seleção de notícias e da linha editorial do periódico sobre o processo revolucionário russo, contribuiu para difundir determinadas imagens e representações sobre os bolcheviques, os soviets e os socialistas em geral. O propósito é compreender as atitudes do diário diante do processo revolucionário russo, observando o papel da imprensa na veiculação de informações, ideias, e visões de mundo, com a capacidade, assim, de influenciar na construção de consensos e na legitimação de políticas do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Russa; Imprensa; *New York Times*; Bolcheviques.

Abstract: This article intends to debate the most significant events during the first year of the Russian Revolution under the perspective of *The New York Times*. We aim to highlight how the journalistic discourse, from the newspaper editorial background and the selecting of news about the revolutionary process, contributes to diffuse certain images and representations concerning to the Bolsheviks, the soviets, and the socialists in general. This study offers an analysis of the newspaper's attitude towards the Russian revolutionary process, observing the role of the press in the dissemination of information, ideas and worldviews, therefore with the capacity to act in order to build consensus and to legitimate State policies.

KEYWORDS: Russian Revolution; Press; *New York Times*; Bolsheviks.

Introdução

Nos últimos vinte anos, a partir de novas abordagens teóricas e metodológicas, a produção acadêmica brasileira observou um crescimento da produção historiográfica que tem a grande imprensa como fonte e objeto, destacando-se vários trabalhos que analisam a repercussão de grandes eventos históricos mundiais nos debates políticos e intelectuais, suscitados pelos jornais brasileiros e do continente americano¹. O aumento dessas pesquisas com fontes periódicas, contudo, destinou pouca atenção aos estudos sobre a revolução na Rússia e suas repercussões no exterior. Neste artigo, nosso objetivo é contribuir para preencher parte dessas lacunas, ao estudarmos a cobertura e o

¹ Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História – UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG – Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: emmanuelufmg@gmail.com

discurso editorial sobre o primeiro ano da Revolução Russa, entre março de 1917 e março de 1918, do influente diário norte-americano *The New York Times* (*TNYT*).

Um dos aspectos pela qual pode ser observada a importância da extensa cobertura do *TNYT* sobre a revolução na Rússia é o jornal ter se constituído como um dos principais referentes para a grande imprensa do resto do continente latino-americano sobre esse assunto. Com efeito, muito do que era publicado no *TNYT*, baseado nas informações de agências de notícias e de correspondentes do próprio jornal em Petrogrado, era frequentemente reproduzido por parte dos principais diários brasileiros e latino-americanos, em especial pelo *O Estado de São Paulo* e pelo *Jornal do Brasil* (MONIZ BANDEIRA, 2004). As seleções de notícias e os editoriais produzidos pelo *TNYT* a respeito da revolução russa, por conseguinte, serviam como base e referência para a conformação das linhas editoriais e discursivas de grande parte da imprensa latino-americana. Essa imprensa era integrada, já naquele tempo, a uma rede mundial de agências de notícias pela qual as informações percorriam o mundo em um curto espaço de tempo: “as reportagens por eles publicadas chegavam ao Brasil com apenas um dia de atraso, graças à eficiência dos serviços telegráficos internacionais” (DE MENEZES, 2006, p. 388).

Nos limites deste artigo, circunscrevemos nossa análise e nosso *corpus* documental ao período compreendido entre a chamada Revolução de Fevereiro e a assinatura do tratado de Brest-Litovsk, no início de março de 1918. Tratado que selou o armistício definitivo entre o governo bolchevique e a Alemanha, marcando a saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial. Como discutiremos, uma das principais preocupações expressas pelo *TNYT*, no período analisado, versava sobre a possível paz em separado que poderia ser assinada entre russos e alemães.

Temos como perspectiva analítica a consideração segundo a qual os jornais são atores políticos capazes de influenciar e afetar o governo, partidos políticos, grupos de interesses, movimentos sociais e seu público leitor. A grande imprensa insere-se na vasta trama das lutas políticas e dos grupos sociais, aspecto que destaca a relevância política dos jornais e a necessidade de estudá-los. Como parte de suas estratégias narrativas, das informações e fontes a que tem acesso, o periódico, cotidianamente, exclui, inclui, hierarquiza aquilo que será publicado em suas páginas. De certa forma, a grande imprensa manipula a realidade ao dar mais relevância e destaque a determinados acontecimentos. Desse modo, confere à seleção de notícias e ao que será inserido em suas opiniões, maior ou menor relevo, ignorando ou enfatizando determinados assuntos,

de acordo com interesses, preferências, convicções de seus editores, proprietários e dos grupos que lhes dão apoio ou sustentação (BORRAT, 1989).

Abandonam-se, assim, as interpretações que veem nos meios de comunicação meros veículos de ideias ou forças sociais subordinadas e determinadas por uma infraestrutura socioeconômica ou pelo poder estatal. Desta maneira, os jornais – entendidos como atores políticos, ao expressarem e articularem projetos de distintos grupos sociais – passam a ser percebidos como “prática constituinte de uma realidade social” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 258). O que não significa que a grande imprensa não deva ser entendida como um organismo privado da sociedade civil, de grande importância para a formação de consensos.

Portanto, nos é caro, para a análise do *TNYT*, o conceito de hegemonia tal como formulado por Antonio Gramsci (1991). Segundo o pensador italiano, o Estado não se constitui somente como um aparato coercitivo pelo qual é imposto um regime de dominação social, por meio do monopólio da violência e da força. O Estado, em Gramsci, é pensado, também, como um *lócus* ampliado em que as classes dominantes fazem valer seus interesses por meio do convencimento e da persuasão, buscando conquistar o consentimento por parte dos dominados. Para isso, tornam-se fundamentais os organismos privados da sociedade civil como os meios de comunicação, as instituições de ensino, as igrejas, os sindicatos, nos quais atuam os intelectuais orgânicos, disputando a hegemonia social.

De acordo com a historiadora argentina Paula Alonso, a imprensa no continente americano passou por profundas transformações desde meados do século XIX. A outrora imprensa constituída por folhas com nítidos propósitos e vínculos políticos e partidários, foi sucedida pela chamada “moderna imprensa empresarial”, que teve no *TNYT* um dos seus proeminentes modelos. No México, Brasil, Argentina, Chile e outros países do continente, os jornais da grande imprensa modernizada, buscaram inspirar-se nos principais diários norte-americanos e europeus, apresentando-se como veículos que procuravam separar opinião da informação. Além disso, tinham como objetivo serem financiados, sobretudo, pela venda de suas edições, em alguns casos com tiragens massivas, e anúncios publicitários (ALONSO, 2003, p. 8-9).

Já no início do século XX, o *TNYT* era considerado um dos grandes jornais dos Estados Unidos. Fundado em 1851, o diário, em 1896, passou ao controle de Adolph Ochs, descendente de família de judeus alemães emigrada para os EUA em meados do século XIX (EMERY, 1965, p. 522). A cobertura do *TNYT* da Primeira Guerra Mundial

teve grande repercussão no país e foi bastante aclamada, contribuindo para que se consolidasse como um dos principais diários do país, ademais de marcar a expansão de sua circulação nacional e internacional. Segundo Gay Talese (2009), Ochs tinha posições de neutralidade, em 1915, em relação à Primeira Guerra e não queria que os EUA se envolvessem nela. No entanto, as notícias publicadas no *TNYT* inclinavam-se sutilmente em favor da Inglaterra, ainda que também existissem, com menos frequência, matérias pró-germânicas (TALESE, 2009, p. 177-178). Essa ambiguidade editorial só será definida com a entrada dos EUA no conflito, momento em que o *TNYT* assume uma clara defesa dos interesses norte-americanos.

É possível afirmar, portanto, que o conteúdo publicado no *TNYT* exercia considerável influência na opinião pública e no imaginário social dos EUA, com suas interpretações, representações e imagens criadas sobre os diversos acontecimentos mundiais tendo, também, alcance continental, uma vez que seus textos eram usados, recorrentemente, como referências por outros veículos do continente americano. Busca-se, neste artigo, sobretudo, compreender a atitude do *TNYT* diante do processo revolucionário russo, observando o papel da imprensa na veiculação de informações, ideias, valores e visões de mundo, influenciando na formação de consensos e na legitimação de políticas do Estado. Nesse sentido, as imagens, interpretações e representações construídas pelo jornal sobre a Revolução Russa, seu olhar para o outro estrangeiro, para os eventos que apareciam, muitas vezes, como anárquicos, bárbaros, incultos e incivilizados, na ótica do jornal, formaram a base discursiva pela qual uma expressiva parcela da sociedade ocidental tomou contato com os eventos ocorridos no distante país dos czares.

A Revolução Russa no The New York Times

Dos primeiros rumores de que algo inusitado ocorria em solo russo até o fim do período tratado neste artigo, o *TNYT* publicou centenas de reportagens e dezenas de editoriais para noticiar e analisar a revolução na Rússia. Entre março de 1917 e março de 1918, não houve sequer uma única edição do jornal que não trouxesse alguma notícia relacionada àquele país e não ocorreu nenhum evento significativo que não fosse comentado e discutido em editorial. Enquanto as opiniões mais elaboradas e aprofundadas concentraram-se nos eventos mais relevantes, as notas recebidas das agências internacionais e dos correspondentes que o periódico mantinha no país,

ocuparam diariamente suas páginas. Para um leitor assíduo do diário, por conseguinte, o processo revolucionário russo, podemos supor, poderia ser percebido como uma longa continuidade no tempo, embora a linha editorial do *TNYT* afirmasse que a revolução havia tido seu desfecho com o estabelecimento do Governo Provisório, tratando o período posterior como uma etapa de consolidação dos ideais democráticos e da liberdade recém-conquistada, visando um governo constitucional.

Em meio à caótica situação política e econômica, com as profundas contradições sociais exacerbadas pela guerra, o dia 8 de março (23 fev.)ⁱⁱ marcou o início da Revolução de Fevereiro. Nessa data, as manifestações em comemoração ao dia internacional da mulher levaram milhares de pessoas às ruas de Petrogrado, então capital russa. Ademais, milhares de operárias têxteis do bairro de Vyborg — região de grande concentração industrial e de grande influência política dos bolcheviques —, iniciaram uma greve contra a fome, as péssimas condições de vida e de trabalho. As manifestações, greves e motins de soldados logo se espalharam por toda a capital e por diversas regiões do país. Com o intuito de exigir o fim do regime autocrático dos Romanov, na tarde do dia 12 de março (27 fev.), uma multidão de mais de 25 mil pessoas aglomerou-se na porta do Palácio de Táuride, sede da Dumaⁱⁱⁱ e palco principal do cenário de conflitiva dualidade de poderes que marcaria a densa temporalidade dos meses posteriores às jornadas de fevereiro (FIGES, 1997, p. 307-315)^{iv}.

Em uma semana, o turbilhão revolucionário forçou a abdicação do Czar Nicolau II, levando à conformação do Governo Provisório — baseado em uma comissão de membros da Duma. Paralelamente, foi criado o Soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado, logo seguido pela organização de sovietes por todo o país. Para a direção efetiva da estrutura soviética de poder, deu-se origem ao Comitê Executivo dos Sovietes, com predominância dos chamados socialistas moderados (mencheviques e socialistas-revolucionários). O Comitê Executivo logo declararia apoio ao Governo Provisório, cujos personagens mais proeminentes eram o Primeiro Ministro, Príncipe Georgy Lvov, membro da família dos Romanov; o liberal Pavel Miliukov, Ministro do Exterior; e o socialista-revolucionário Alexander Kerenski, Ministro da Justiça. O poder, contudo, dependia efetivamente dos sovietes, que eram órgãos representativos de trabalhadores e soldados e que se tornaram o principal espaço de influência política do país. Com efeito, no dia 12 de março (27 fev.), dois centros rivais de poder emergiram no Palácio de Táuride: o Governo Provisório, um poder formal sem autoridade nas ruas;

e o Soviete, que exercia efetivamente o poder, no entanto, sem se constituir como uma autoridade formal (FIGES, 1997, p. 324).

Após a abdicação do Czar, em 15 de março (2 mar.), a revolução na Rússia passou a ter grande destaque no *TNYT*. Até então, nenhum dos acontecimentos da aguda semana que levou à queda da autocracia czarista havia sido noticiada pelo jornal.

Assim, no dia 16 de março, o *TNYT* estampava na capa: “Revolução na Rússia; o Czar abdica”^v (*TNYT*, 16 mar. 1917, p. 1), iniciando uma extensa narrativa, que ocupou as três primeiras páginas, sobre os eventos da semana revolucionária. De acordo com essas reportagens, a revolta começou com protestos da faminta população contra sua miserável condição de vida e logo contagiou boa parte das guarnições militares da capital. A narrativa destaca a figura do presidente da Duma, Michael Rodzianko, segundo o jornal, o proeminente líder dos deputados que unanimemente se opuseram às ordens imperiais de dissolver o parlamento, decretada pouco tempo antes (*TNYT*, 16 mar. 1917, p. 2). Sem deixar de noticiar as greves, manifestações e conflitos de rua que levaram à morte de centenas de pessoas, o ponto nevrálgico da revolução, nessa narrativa, contudo, era simbolizado pela declaração aprovada pela Duma, que decretava o fim do governo do Czar Nicolau II e a formação de um novo Governo Provisório (*TNYT*, 16 mar. 1917, p. 1-3).

Se nesta primeira crônica das jornadas revolucionárias, o povo e os soldados amotinados ainda aparecem como atores políticos de relevância, embora subordinados às ações dos líderes da Duma, nos editoriais do jornal, desde então, o protagonismo da revolução e a responsabilidade pela estabilização do cenário político transferem-se, quase incondicionalmente para as decisões do Governo Provisório. Os soviets só serão incluídos no noticiário do jornal algumas semanas depois. Dessa forma, a revolução que colocou fim ao regime político czarista foi saudada pelo *TNYT* como a formação de uma nova Rússia, uma nova democracia que abriria caminho para a constituição de uma República ou mesmo de uma Monarquia Constitucional, sob os auspícios e a liderança dos políticos da Duma: “O povo russo, por meio de reconhecidos líderes da Duma, e de indivíduos leais e esclarecidos fora dela, assumiu o comando dos interesses do Império. Esse foi o objetivo e o conquistado na revolta em Petrogrado”^{vi} (*The new birth of Russia*, *TNYT*, 16 mar. 1917, p. 10).

Nesse processo, dois perigos eram alertados pelo jornal: o da reação e o da radicalização. Este último: “Parece ser um perigo menos formidável, mas que deve ser encarado”^{vii}. Ao comparar os perigos da situação russa com os dilemas enfrentados pela

Revolução Francesa, o diário destacava como o triunfo da liberdade na França teve breve duração, degenerando-se em um período de violência desenfreada e de subversão de “todo o progresso e civilização na qual os revolucionários colocavam suas mãos”^{viii}. A França teria sido salva desse período da “loucura e incompetência” somente com a ascensão de Napoleão. O futuro da Rússia, tanto a curto quanto a longo prazo, estaria nas mãos dos líderes do Governo Provisório que, caso provassem ser homens de coragem e competência, liderariam um processo ordeiro que resultaria em uma República ou mesmo em uma aceitável Monarquia Constitucional, em sucessão à autocracia (*Russia's Future, TNYT*, 18 mar. 1917, p. 12).

Em estudo sobre os impactos da Revolução Russa no Brasil, o historiador Luiz Alberto Moniz Bandeira e outros autores destacaram como essa narrativa da imprensa ocidental – baseada nos escritos do *TNYT* e das agências de notícias *Associated Press* e *Havas* – deu substrato à forma pela qual parte da imprensa brasileira noticiou e deu sentido aos acontecimentos da Revolução de Fevereiro:

Segundo o noticiário telegráfico publicado na imprensa do Rio, assim se passou a revolução de março na Rússia: o Parlamento russo, sob a presidência de Rodzianko, organizou uma conspiração, ao pressentir que o czar Nicolau II iria dissolvê-lo, através de um *ukase*. Ganhou para sua causa a guarnição de Petrogrado, com o apoio da população. Estalou a greve e o Czar, vendo que não mais podia controlar a situação, preferiu abdicar em favor do seu irmão. [...] Constitui-se, dessa forma, um governo provisório, sob a chefia do Príncipe Lvov, que chamou para o Ministério da Justiça o deputado Alexander Kerenski e entregou a pasta do exterior a Miliukov. (MONIZ BANDEIRA, 2004, p. 104-105)^{ix}

Moniz Bandeira e seus colegas, por outro lado, apresentam uma interpretação divergente, indicando como as jornadas de fevereiro foram impulsionadas pelo protagonismo das forças populares, dos trabalhadores em greve e dos setores militares amotinados, que forçaram a abdicação do Czar e a constituição de um novo governo, dando origem também aos órgãos de poder soviético. Interpretação que compartilha os sentidos sobre a dualidade de poderes apresentada por Leon Trotsky (1977) em sua célebre *A História da Revolução Russa*. Na obra, Trotsky levanta uma intrigante questão na forma de um paradoxo: como é possível explicar que o protagonismo popular das jornadas de fevereiro tenha dado origem a uma forma de poder estatal controlada, inicialmente, por hesitantes democratas liberais apoiados por setores moderados das forças socialistas organizadas nos soviets? Trotsky indica uma possível resposta a essa questão, ao ressaltar que a perspectiva dogmática de uma “etapa de

revolução burguesa” — utilizada essencialmente como aspecto justificador, combinada à indecisão política de se instaurar um governo baseado nos soviets —, acabou por levar os socialistas moderados a apoiarem o Governo Provisório. Isso, segundo Trotsky, marcaria toda a política conciliatória entre socialistas moderados e liberais nos meses posteriores.

De toda forma, o *TNYT* buscou desenvolver uma imagem bastante positiva sobre a revolução, contribuindo, podemos afirmar, para influenciar a opinião pública norte-americana com uma visão favorável ao processo que colocou fim à autocracia russa. Não é por acaso que o então presidente norte-americano, Woodrow Wilson, incluiu em suas justificativas para a entrada efetiva dos EUA na Primeira Guerra Mundial, poder contar, após a derrubada da autocracia, com um aliado democrático naquela parte do mundo (LINK, 1979, p. 70). A 22 de março, o governo dos EUA reconheceu a legitimidade do Governo Provisório, algo que foi efusivamente saudado pelo *TNYT*. Pouco menos de um mês depois, no dia de 6 de abril, Woodrow Wilson declarava guerra ao Império Alemão. Conforme observa o historiador norte-americano Georg Schild (1995), a revolução na Rússia serviu mais como um componente da retórica que buscava justificar a entrada dos EUA na Guerra, algo que ainda enfrentava razoável resistência da opinião pública norte-americana, do que efetivamente umas das razões que influenciaram a decisão governamental de inserir o país no conflito.

A partir de abril, o Soviète de Petrogrado, referido pelo *TNYT* sempre por Conselho de Deputados Operários e Soldados, ocupou relevante espaço nas reflexões de editoriais e no noticiário do jornal. No entanto, a existência do Soviète seguida de um editorial analisando seu significado ocorreu somente na edição de 8 de abril, mais de vinte dias após a instalação da primeira sessão do Conselho.

Desse modo, foi publicada, em 9 de abril, reportagem com a manchete: “Trabalhadores na Rússia atormentam novo governo. Seus deputados querem as coisas feitas à sua maneira”^x (*TNYT*, 9 abr. 1917, p. 8), enviada por um correspondente em Petrogrado. No texto, o *TNYT* descrevia a crescente atenção que a imprensa russa começava a dedicar ao conflito de autoridade entre os Soviète e o Governo Provisório. Segundo a matéria, apesar de já ter reconhecido a legitimidade do novo governo, o Soviète atuava incessantemente para dificultar que as soluções dos problemas que o país enfrentava fossem encontradas. “Uma exagerada preocupação com os direitos do povo é a causa desse atrito. O Soviète anunciou sua prerrogativa de ignorar a autoridade

governamental quando for da opinião de que essa autoridade se sobrepõe à liberdade popular.”^{xi} (*TNYT*, 9 abr. 1917, p. 8).

Desde esse momento, o *TNYT* passará a desenvolver uma narrativa sobre os soviets enfatizando o perigo de esses órgãos tornarem-se obstáculos para o Governo Provisório, único centro de poder reconhecido como legítimo pelo jornal. Além disso, indicava-se uma ameaça ainda maior, o perigo do fortalecimento de setores “extremistas” dos soviets, supostamente defensores de uma paz em separado com a Alemanha. “Extremistas” era uma das formas pelas quais o *TNYT* recorrentemente se referia aos bolcheviques, com claro sentido pejorativo. Diferentemente do que afirmava o jornal, nesse momento, em meados de abril de 1917, nem os bolcheviques nem a esquerda russa defendia a perspectiva de um acordo de paz em separado com os alemães. A maioria dos bolcheviques, nesse período, sustentava a tese de transformação da “guerra imperialista em guerra civil revolucionária”; outros setores da esquerda, como grande parte dos mencheviques, alguns socialistas-revolucionários, lideranças como Trotsky e Martov, e até mesmo alguns bolcheviques levantavam a defesa de uma “paz, sem anexações e indenizações” (REIS FILHO, p. 58-59). Tais teses, porém, não justificavam os alertas feitos pelo *TNYT* sobre os perigos de que os setores “extremistas” desejassem uma “paz em separado com a Alemanha”.

Em editorial de 12 de abril, o jornal afirmava que a democracia era a alma da revolução na Rússia, o princípio basilar do novo governo e que os norte-americanos teriam imensa satisfação em proporcionar todo tipo de ajuda ao novo governo. No entanto, era preciso se precaver dos iminentes perigos que rondavam o país:

Há na Rússia alguns conspiradores, muito provavelmente agindo sob a instigação da Alemanha, procurando causar danos ao novo governo. Uma dessas organizações é o Conselho de Deputados de Operários e Soldados, cujas atividades anarquistas das últimas semanas têm muito a nos dizer. Eles estão sendo denunciados em Petrogrado por “evidenciar um desejo de garantir a derrota do Exército Russo e uma paz desonrosa”. É a marca característica da propaganda alemã. No entanto, esses agitadores socialistas são poucos, se comparado à enorme massa de russos que lealmente apoiam o novo governo. [...] Os conspiradores estão sendo denunciados por russos leais, por reconhecidas organizações trabalhistas, pelo Partido Democrata-Constitucionalista [Cadete] e pela comissão trabalhista da Duma. [...] Nenhum desses indivíduos, nem os delegados dos socialistas alemães que foram enviados para ajudar o trabalho da sedição na Rússia terão qualquer ajuda ou simpatia nem do grande povo nem dos soldados da Rússia, que são fiéis apoiadores do governo^{xii} (*The Russian Position, TNYT*, 12 abr. 1917, p. 10).

Nesse editorial, pela primeira vez é esboçada a forma como diversas vezes o *TNYT* buscou desqualificar a atuação dos soviéticos e dos socialistas, em geral, e dos bolcheviques, em particular, procurando associá-los aos interesses da Alemanha. Além disso, era comum, nas páginas do diário, os socialistas serem referidos por conceitos como anarquistas e maximalistas, sem nenhuma preocupação com uma precisão conceitual com esses termos utilizados. A anarquia, nos editoriais e notícias, sempre esteve associada a uma vaga noção de desordem e caos. Por mais de uma vez, é possível encontrar Lenin e outros socialistas sendo qualificados pelo *TNYT* como anarquistas e socialistas na mesma matéria. Isso não tinha absolutamente nenhuma relação com as críticas dirigidas a Lenin, após a publicação de sua obra *O Estado e a Revolução* – na qual faz a defesa de que a extinção do Estado ocorreria paulatinamente ao desenvolvimento da sociedade comunista. Nessas críticas, essa visão de desaparecimento do Estado é considerada demasiadamente “anarquista” por alguns de seus críticos socialistas.

No fim de abril, após intensas semanas de protestos, greves e radicalização do processo revolucionário no campo, o governo do Príncipe Lvov é substituído por uma coalizão entre liberais, mencheviques e socialistas-revolucionários, apoiada pelo Comitê Executivo do Soviète. Em 26 de abril, o *TNYT* publica o editorial “A Rússia em perigo”, tratando de analisar as ameaças enfrentadas pelo Governo Provisório. Além de discutir o papel dos soviéticos e, pela primeira vez, referindo-se a Lenin como um agente alemão, algo que será recorrente no diário desde então. Este editorial marca uma das estratégias narrativas do jornal, baseada no discurso de que o principal perigo da Rússia, a partir desse período, seria uma nova revolução – destruidora dos ideais de liberdade – pelos grupos que supostamente defendiam interesses favoráveis à Alemanha:

O governo liberal na Rússia está visivelmente ameaçado por uma formidável agitação contrarrevolucionária, que ainda não ganhou corpo de um movimento bem definido, mas tem habilmente sido usada por agentes alemães. Muitos desses agentes são socialistas russos que atuam sabendo exatamente o que fazem e a quem beneficiam. [...] Os socialistas, liderados por Lenin, um evidente agente alemão, que foi enviado de volta à Rússia pelos alemães para esse propósito, joga o jogo da Alemanha com sedutoras consígnias como: “Ditadura para a classe trabalhadora e democracia para o exército”, além de procurar disseminar uma visão hostil aos Estados Unidos. [...] Se os agentes alemães e os socialistas e agitadores no campo produzirem uma nova revolução, vão aniquilar a esperança russa de liberdade. O primeiro resultado será a anarquia, na qual cada partido irá combater pelo controle do governo, cada qual, no seu turno, será derrubado, e do caos retornaremos à velha Rússia. [...] É

por esse objetivo que, com fervorosa dedicação, a inteira força de espíões, traidores e aliciadores que a Alemanha derramou na Rússia. [...] Esse é o claro desastre que os tolerante liberais, atualmente no controle da Rússia, estão trabalhando energicamente para evitar^{xiii} (*Russia's Danger, TNYT, 26 abr. 1917, p. 12*).

Em todo o período analisado, nunca existiu no *TNYT* a preocupação de precisar e aprofundar as diferenças políticas e teóricas entre os diferentes grupos socialistas. Como uma névoa que permitia uma análise oportunamente ambígua, a forma como o jornal representava Kerenski é um exemplo. Ora tratado como um socialista radical, que poderia colocar em risco a democracia, ora visto como um dos poucos socialistas que poderia resguardar os ideais democráticos conquistados na revolução. Desse modo, a visão do *TNYT* sobre os socialistas-moderados do soviets regularmente desprezava o papel que cumpriam na sustentação do Governo Provisório. O poder soviético era tratado como irradiador de agitações contrarrevolucionárias, responsável por colocar em risco a liberdade e as conquistas democráticas. Para o jornal, os soviets eram a causa principal da incapacidade do Governo Provisório de conseguir estabilizar o processo revolucionário e de conter as agitações socialistas nos setores populares e no exército.

Com relação à propagação da ideia de que Lenin e outros socialistas eram agentes da Alemanha, foi algo realizado de forma sistemática pelo *TNYT* em matérias e editoriais desde abril até o final do marco temporal deste trabalho. A historiografia, em geral, observa que os rumores de que Lenin e outros líderes bolcheviques eram agentes da Alemanha, baseados na inusitada forma como o revolucionário chegou ao país, por meio de um trem alemão, exerceram considerável efeito nas disputas políticas da Rússia. Isso também teve ampla repercussão na cobertura da imprensa brasileira. Desde abril de 1917, reproduzindo notas telegráficas que haviam sido publicadas em jornais europeus e norte-americanos, o nome de Lenin passou a figurar frequentemente nos periódicos brasileiros associando-o a alcunhas como “espião alemão”, “agente do Kaiser”, “vendido ao império alemão” (MONIZ BANDEIRA, 2004, p. 125).

Orlando Figes (1997) aponta como Lenin, após toda sorte de tentativas para deixar Zurique, onde se encontrava exilado, acabou por aceitar, de forma relutante, a ideia sugerida pelo menchevique Martov, ele próprio exilado na Suíça, de propor ao Governo Provisório a troca de alemães presos na Rússia pela ajuda da Alemanha na repatriação de marxistas exilados na Suíça. Após contatos dos exilados, o governo alemão, visando a desorganização das forças militares russas, percebeu as vantagens de permitir que socialistas contrários à guerra voltassem à Rússia. O Ministro do Exterior

russo, Miliukov, iniciou as negociações para tal proposta. Entretanto, após longa demora, quando as negociações pareciam emperradas, Lenin decidiu não esperar a sanção do Governo Provisório ao acordo. No dia 9 de abril (27 de mar.), Lenin e mais 31 socialistas russos partiram em um trem alemão com destino a Petrogrado. Como parte do acordo com o governo da Alemanha, Lenin exigiu que o trem em que viajaria estivesse sob a jurisdição de um pacto de extraterritorialidade, a fim de evitar que as autoridades alemãs pudessem subir a bordo para inspecionar passaportes e bagagens. Surgiu, assim, a famosa lenda do “trem blindado” (FIGES, 1997, p. 385-386). Portanto, embora eles chegassem à estação Finlândia, em Petrogrado, sob os auspícios do governo alemão, toda a onda de boatos que seria desenvolvida contra os bolcheviques, acusando-os de serem agentes da política imperial alemã, carecia de fundamentos. Mais tarde, após as jornadas de julho, tais acusações ganharam ainda mais força ao se forjar depoimentos de integrantes do exército russo para tentar incriminar Lenin e seus partidários.

Em todo o período analisado, duas das principais preocupações do *TNYT* estavam relacionadas à necessidade de fortalecer a autoridade política do Governo Provisório e de apoiar os setores sociais que defendiam a continuidade da Rússia nos esforços de guerra. Para isso, buscava-se enfatizar que o governo norte-americano deveria ajudar a “salvar” a Rússia do caos econômico e do perigo de uma contrarrevolução. Essa linha editorial do *TNYT* tem grande consonância com a política exterior do Governo dos Estados Unidos em relação àquele país. Segundo o historiador norte-americano Georg Schild, após a revolução de março, a política externa dos EUA em relação à Rússia esteve orientada centralmente por dois objetivos: “garantir a permanência da Rússia na guerra e apoiar as forças democráticas” (SCHILD, 1995, p. 42).

Nesse sentido, no mês de maio, o jornal deu grande destaque à missão diplomática – que ficou conhecida como Missão Root – na qual o senador Elihu Root, vencedor do prêmio Nobel da Paz em 1912, chefiou uma delegação de políticos norte-americanos à Rússia. Tal missão tinha a incumbência de aproximar as relações econômicas e políticas dos Estados Unidos ao Governo Provisório e influenciar os debates sobre a participação russa na Guerra, buscando assegurar que os russos continuassem no conflito.

Em geral, o *TNYT* tratava essa viagem como uma forma dos norte-americanos darem suporte à Rússia, mas também de “salvá-la” — termo recorrentemente usado

pelo jornal — do caos econômico e social. Com relação a essa missão, o *TNYT* atuou diretamente para influenciar o perfil dos seus componentes e quem deveria chefiá-la, após polêmica pública que se abriu no país. A disputa ocorria no caráter da missão, se deveria ser estritamente de apoio ao Governo Provisório, ignorando os soviets, ou se deveria incluir um setor de socialistas norte-americanos, com a incumbência de dialogar com os setores mais radicais do processo revolucionário. Nessa polêmica, que durou cerca de um mês, e na qual o *TNYT* dedicou vários editoriais, a escolha do liberal conservador Elihu Root foi saudada pelo diário, reforçando, além disso, a opinião sobre a revolução e os setores radicais da política russa:

O governo dos Estados Unidos reconheceu como governantes da Rússia o corpo de oficiais apontados pelo Comitê da Duma. [...] O governo não pode estabelecer nenhum tipo de relações com os socialistas e radicais que, sob o nome de Conselho de Deputados de Operários e Soldados, tem realizado reuniões no mesmo edifício ocupado pela Duma. [...] Foi dito que o chefe da Missão deveria ser um homem aceitável para os radicais russos, um indivíduo com a habilidade de se inserir nesses círculos de agitação e perturbação que se acredita, ou se teme, poder derrubar o atual governo e estabelecer uma república socialista. Se os EUA fossem uma república socialista um homem como esse deveria, naturalmente, ser escolhido como representante de tal Missão na Rússia. No entanto, como temos nesse país um governo de pessoas sensatas, não de radicais ou extremistas, não vemos qualquer mérito na sugestão de enviar a Petrogrado uma missão simpática não ao novo governo e sim aos inimigos, ou aqueles que logo, ficará claro, são inimigos^{xiv} (*Mr. Root and the russian socialists*, *TNYT*, 3 mai. 1917, p. 14).

Desde o início da revolução, o *TNYT* teve como preocupação central a política do novo governo em relação à participação na guerra. Seu apoio incondicional ao Governo Provisório e sua crítica aguda aos socialistas radicais eram motivados, sobretudo, pelos temores de uma possível paz em separado com a Alemanha, que levaria ao enfraquecimento das forças aliadas no *front* oriental. Após as intensas manifestações de abril, responsáveis pela queda do governo chefiado pelo príncipe Lvov, o *TNYT* destacava os perigos da saída da Rússia da guerra, além de criticar os socialistas norte-americanos favoráveis ao fim do conflito:

A Rússia ou continuará em um bom caminho caso se mantenha no compromisso do Governo Provisório de ser leal até o fim nos esforços de derrotar nosso inimigo comum, ou o povo russo perderá sua jovem liberdade por um temível retrocesso por meio da anarquia de uma autocracia restaurada e mantida pelas armas alemãs. [...] O Governo Provisório, organizado pelo Comitê da Duma, e constituído pelos mais sábios estadistas da Rússia, os verdadeiros amigos do povo russo, foi

obrigado a fazer importantes concessões ao Conselho de Deputados de Operários e Soldados, porque necessitam do apoio dos trabalhadores para ter suprimento de munições. Uma grande parte dos trabalhadores russos está inserida nas fábricas de armas e equipamento para o exército. Isso explica porque o atual Governo tem que tolerar a existência em Petrogrado de um corpo de deputados que se consideram como um governo rival, fazendo demandas e eles mesmos ditando ordens^{xv} (*The Peril of Russia, TNYT*, 5 mai. 1917, p. 12).

Apesar de insistir na narrativa de que o poder é astutamente exercido por “sábios estadistas”, é perceptível que o jornal viu-se obrigado a reconhecer que os soviets detinham considerável influência, sendo capaz de suprir o exército e de controlar as fábricas e a produção de armas. Tal constatação fará com que na linha editorial do *TNYT* seja perceptível uma constante preocupação em pensar como o Governo Provisório deveria atuar para limitar e colocar fim ao poder soviético. Ao longo dos meses, destarte, o jornal publicou diversas matérias com conteúdo pejorativo relacionado aos soviets e aos socialistas que nele participavam. Publicou, também, uma série de editoriais buscando demonstrar a periculosidade da influência soviética na realidade russa.

Com a crise de abril e a formação de um governo de coalizão entre liberais e socialistas moderados, a possibilidade de um governo formado exclusivamente por liberais caía por terra (cabe ressaltar que a presença do socialista-revolucionário Kerenski no governo, até abril, era praticamente ignorada pelo diário). Comparando os socialistas do Soviete aos jacobinos franceses, o *TNYT* alertava para os significados dos socialistas no governo:

Os jacobinos da Revolução Francesa deram uma aterradora demonstração do que uma gigantesca ignorância pode fazer quando se apodera do poder. Os indivíduos do Conselho [Soviete] estão no caminho para fazer o mesmo. Eles não têm competência para dirigir os assuntos públicos, pelo contrário, estão, na verdade, completamente equipados para o trabalho de destruição, ruína, e todo tipo de desastre político e nacional ao aceitar as teorias radicais do socialismo pelas quais são guiados^{xvi} (*The Peril of Russia, TNYT*, 15 mai. 1917, p. 14).

A cobertura sobre o que ocorria na Rússia também foi marcada por consideráveis ausências. O Congresso Pan-Russo dos Soviets, que desautorizou a manifestação que os bolcheviques pretendiam levar a cabo no dia 23 de junho (10 jun.), foi amplamente noticiado pelo jornal, indicando como o que acontecia na Rússia tinha extenso espaço no noticiário. Entretanto, a massiva manifestação de 1º de julho (18 jun.) foi completamente ignorada. Com efeito, a historiografia dá significativo destaque a

essa manifestação pelo fato das consígnias bolcheviques terem conquistado grande influência, frustrando as pretensões do Comitê Executivo dos Sovietes.

Assim, no dia 23 de junho (10 jun.), por iniciativa dos socialistas moderados, o Congresso Pan-Russo, reunido em Petrogrado, desautorizara a manifestação que os bolcheviques pretendiam realizar na capital com o objetivo de pressionar o Congresso a adotar a sua principal palavra de ordem: “todo poder aos soviets”. Submetendo-se à decisão do Congresso, os bolcheviques cancelaram a manifestação. No dia 1º de julho (18 jun.), apesar de o Comitê Executivo ter convocado a manifestação com palavras de ordem como: “convocação urgente da Assembleia Constituinte”, “paz geral”, “república democrática”, o que se viu, durante o desfile de mais de 400 mil pessoas pelas avenidas da capital, foi um grande volume de faixas com apoio massivo às consígnias bolcheviques: “abaixo os ministros capitalistas”, “todo poder aos soviets”, uma notável vitória do partido de Lenin (FIGES, 1997, p. 396-398).

Em 15 de julho (3 jul.), inicia-se um dos momentos mais dramáticos do processo revolucionário. Várias guarnições do exército, ao lado de milhares de operários do bairro de Vyborg, marcham ao Palácio de Táuride exigindo que os soviets assumissem o poder. Em pouco tempo, a revolta se alastraria, lembrando as jornadas revolucionárias de março. Os bolcheviques, embora não tivessem sido os responsáveis por iniciar as manifestações, se somaram a ela. Rapidamente, contudo, o movimento acabou por ser debelado. Esse episódio ficou conhecido como jornadas de julho e abriu grande crise política em que a possibilidade de insurreição contra o Governo Provisório esteve colocada na ordem do dia. Apesar de sua nítida influência sobre os revoltosos, os bolcheviques, com uma política inicialmente hesitante, não ousaram levar o movimento às últimas consequências. Atuaram, pelo contrário, para serenar os ânimos das dezenas de milhares de pessoas que cercavam o Palácio de Táuride exigindo o poder aos soviets (FIGES, p. 424-423).

Após a desmobilização do movimento, os bolcheviques foram acusados de tramar um golpe contrarrevolucionário contra o Governo Provisório. Os boatos de serem agentes alemães intensificaram-se. Foi divulgado um relato no qual, supostamente, o tenente do Exército Yermolenko ouvira dos alemães, enquanto estivera prisioneiro de guerra, que Lenin trabalhava para o Império Alemão. Esse relato foi massivamente publicado pela imprensa liberal e logo se espalhou entre o exército. Considerados traidores pelo Governo, foi decretada a prisão dos principais líderes bolcheviques. Lenin, porém, conseguiu refugiar-se na Finlândia. Uma onda

antibolchevique tomou conta das ruas da capital, com o fechamento de jornais e o confisco de rotativas do partido. Além disso, ocorreram espancamentos e assassinatos de militantes bolcheviques (FIGES, p. 432-433).

Em nota telegráfica enviada no dia 16 de julho e publicada em reportagem de capa dois dias depois, o *TNYT* noticiava a revolta, destacando que tiroteios haviam levado a morte de vários feridos e que a manifestação fora organizada pelos bolcheviques (*TNYT*, 18 jul. 1917, p. 1). Nos dias seguintes, o noticiário esteve repleto de crônicas sobre as manifestações. Em nota enviada por telégrafo, a 19 de julho, pelo correspondente do *TNYT* em Petrogrado, Harold Williams, e publicada, em 21 de julho, com o título “Alertas contra os leninistas: Petrogrado indignada pela acusação de que são espões alemães”^{xvii} é perceptível a ruptura da alardeada isenção jornalística, na qual a opinião estaria restrita aos editoriais:

Petrogrado está calma agora, mas há um pesado sentimento de humilhação e revolta no ar por causa da insana e inaceitável aventura. O crime foi longamente preparado, suas origens são evidentes, seus agentes se mostraram novamente não só inescrupulosos como também covardes. Quando interrogados, mentem, professam devoção a objetivos ideais, assegurando que eram impotentes para deter o movimento das massas e, então, procederam como sempre, inflando essas massas ignorantes com sua criminoso propaganda. As guarnições de Petrogrado e os milhares de trabalhadores da cidade ficaram à mercê desses vis conspiradores, que agora se veem confrontados com a acusação de que são agentes da Alemanha, recebendo contínuos envios de dinheiro por meio de conhecidos intermediários, em Estocolmo. Entretanto, eles ainda não foram presos. [...] os proeminentes leninistas Kamenev e Lunacharsky, chegaram a ser detidos por soldados, mas foram soltos à tarde, pelo pedido do Conselho de deputados operários e soldados. Kamenev ficou sentado por horas no quartel, com medo de ser linchado pelos soldados do lado de fora. O sentimento geral contra os leninistas é forte, para não dizer, violento^{xviii} (*TNYT*, 21 jul. 1917, p. 2).

Harold Williams foi o principal correspondente do *TNYT* na Rússia durante o período revolucionário. Considerado grande especialista sobre os assuntos daquele país, publicou em 1914 a obra “*Russia of the Russians*”, que lhe rendeu ótimas críticas na imprensa norte-americana. Além de jornalista, Williams era linguista, falava fluentemente o russo e diversos outros idiomas presentes na Rússia. Escreveu sobre o processo revolucionário também para os diários britânicos *Daily Telegraph* e *Daily Chronicle*. Em 1921, foi designado editor internacional do *TNYT*, cargo que ocupou até sua morte em 1928 (ALSTON, 2007).

Em um dos momentos mais controversos da revolução, o cenário político e o destino dos bolcheviques sofreram outra brusca e dramática mudança com a entrada em cena da tentativa de golpe efetuada pelo general Kornilov, a quem Kerenski havia designado Comandante em Chefe do Exército com a missão de restaurar a ordem e a disciplina entre os militares russos. Visando uma alternativa para a crise que se avolumara, Kerenski buscou apoio nos setores conservadores e chegou a entabular negociações para a instauração de uma ditadura pessoal, que teria apoio do próprio general Kornilov. Entretanto, desentendimentos entre Kerenski e Kornilov acabaram por precipitar a tentativa de golpe. No dia 11 de setembro (29 ago.), Kornilov ordenou o envio de tropas para ocupar Petrogrado. A seus subordinados, o general tentou justificar essa ação afirmando que haveria uma revolta na capital e um possível golpe contrarrevolucionário estaria em curso (FITZPATRICK, 2005, p. 80-81).

A tentativa de golpe fracassou tanto pela atuação enérgica dos operários de Petrogrado quanto pelos motins e deserções nas tropas enviadas por Kornilov. Os ferroviários desviaram os trens que levavam os militares, os gráficos detiveram a edição dos jornais que apoiavam o intento de golpe, comissões de operários de Petrogrado foram de encontro às tropas do general golpista e conseguiram convencê-las de que seus oficiais os haviam traído, demonstrando que não havia nenhum golpe contrarrevolucionário em curso na capital. Sob essa pressão moral, o golpe se desintegrou antes mesmo de chegar a Petrogrado, sem que houvesse enfrentamentos militares significativos. Para essa contraofensiva, organizada pelo Soviete e sindicatos da capital, uma frente de defesa foi constituída, na qual os bolcheviques tiveram destacada atuação. Por conseguinte, a derrota do golpe de Kornilov foi fundamental para o fortalecimento dos partidários de Lenin, fragilizados pela intensa perseguição sofrida após as jornadas de julho. A derrota de Kornilov também significou o início da derrocada final de Kerenski, que acabaria por receber poderes ditatoriais, em um novo governo de coalizão, mas veria sua autoridade política desvanecer-se (FIGES, p. 455).

Ao mesmo tempo em que apresentava um vasto noticiário indicando a derrota das pretensões de Kornilov, o *TNYT* apresentava uma linha editorial bastante favorável ao general, chegando mesmo a abertamente apoiá-lo:

Embora a “rebelião” de Kornilov tenha resultado em fracasso e rendição, ainda é muito cedo para dizer se a derrota da causa e do objetivo que ele representava era uma libertação ou desastre para a Rússia. Como alguns dos envios telegráficos falsamente o representaram, Kornilov não era um inimigo da revolução, um

conspirador da restauração autocrática. Ele é um russo patriota, um sincero devoto dos interesses da Rússia; seu objetivo era propiciar ao país um governo capaz de seguir os comandos emitidos sob sua autoridade, um exército organizado para a vitória, não para cair de joelhos perante o inimigo^{xix} (*Russia's uncertain future*, *TNYT*, 14 set. 1917, p. 8).

Em nenhum momento, nas edições analisadas no marco temporal deste trabalho, o jornal buscou se retratar das falsas denúncias de representar os bolcheviques como agentes alemães. Não faltou espaço, porém, como é perceptível, para defender Kornilov das acusações de estar associando à restauração autocrática. Na conclusão do editorial, posicionando-se francamente em favor do general, o jornal deixava claro que o mais importante era combater as formas de democracia soviética no exército e instaurar um governo forte:

Ao mesmo tempo em que se noticia a derrota de Kornilov, algumas notícias boas chegam da Rússia, Kerenski prometeu cortar o poder dos conselhos de soldados, algo que, ao menos, pode ser o início da restauração da autoridade militar. [...] Porém, Kerenski não irá mais longe, ele não conseguirá restaurar a ordem e a estabilidade internamente e recuperar a imagem do país no exterior. [...] Nenhuma grande nação, e por essa razão nenhuma pequena nação, pode ser administrada com sucesso por um indivíduo como ele e com tais princípios como ocorreu desde que o Governo Provisório permitiu que fosse substituído pelo Conselho de deputados de operários e soldados como chefe da autoridade do Estado^{xx} (*Russia's uncertain future*, *TNYT*, 14 set. 1917, p. 8).

Fica evidente o apoio do *TNYT* à tentativa de colocar fim ao instável governo de Kerenski por meio do *putsch* militar organizado por Kornilov, pelo qual o Comandante em chefe do Exército visava esmagar o poder dos soviets. Fica nítido, ademais, que no discurso do jornal ganhava centralidade, sobretudo, a necessidade de colocar fim às formas de democracia soviética, vista como a principal responsável por colocar em risco a liberdade russa. O apoio a Kornilov deixa transparecer as reais intenções do discurso do *TNYT*. Para o jornal, o fundamental, é possível afirmar, não seria um governo que promovesse no curto prazo a liberdade e a democracia — por mais que isso fosse constantemente um componente de sua retórica — e sim um governo que garantisse o prosseguimento da guerra e acabasse com as agitações em torno de uma possível paz em separado, além de combater os soviets. Como é prática constante dos discursos liberais em tempos de crises sociais agudas, prática paradoxal, o *TNYT* passa a defender, após abandonar suas esperanças em Kerenski, uma solução autoritária para combater uma suposta anarquia social — representada no jornal pelos perigos do poder soviético e dos

ideais socialistas – procurando justificar tal solução como uma forma de garantir a existência das liberdades democráticas.

Desde então, a cobertura do *TNYT* teve como foco um noticiário diário sobre os problemas econômicos, o descontrole político, as tensões no campo e uma linha editorial, sobretudo, pautada no aberto questionamento das habilidades de Kerenski para controlar os setores “extremistas e radicais”. Ademais, intensificava-se no jornal uma crítica aberta e recorrente aos ideais socialistas. Socialismo entendido como todo tipo de ação associada aos partidos com atuação nos soviets. O seguinte editorial é bastante revelador desse discurso antissocialista, que se intensificou à medida que os bolcheviques aumentavam sua influência nos principais soviets do país:

Aqueles que acreditam que existe uma guia providencial nos assuntos relacionados aos indivíduos e às nações deve compartilhar a opinião de que a Rússia, neste momento, em tempos de um possível perigo, demonstra os exemplos terríveis dos efeitos do socialismo. Na Rússia percebemos práticas e doutrinas escolásticas sendo aplicadas em larga escala. Não há outra conclusão de que a terrível confusão e desorganização atual naquele país, a horrível calamidade que se abate sobre a nação, tem a ver diretamente com os socialistas radicais. A revolução deu origem a um governo de competentes indivíduos patriotas e de visão moderada – com uma pequena participação de socialistas. Caso fosse lhes permitido trabalhar livremente a partir dos interesses do destino nacional do povo russo, conquistados pela recente liberdade, ainda veríamos a Rússia como uma grande potência na guerra. No entanto, os socialistas, em grande medida sob a instigação alemã, incitam o proletariado contra o Governo, buscando um governo formado por eles próprios. Desde então, a Rússia caminha para a ruína. [...] Temos diante do mundo um exemplo terrível o suficiente das calamidades que assolam uma nação que se permite cair no controle de um governo socialista e proletário. Compartilhamos da opinião de que com esse formidável exemplo é pouco provável que o mundo se converterá ao socialismo^{xxi} (*Socialism's terrible example*, *TNYT*, 30 set. 1917, p. 35).

Após a derrota de Kornilov, os bolcheviques rapidamente tornaram-se a principal força política do campo socialista. À medida que a crise econômica e política agudizava-se, os partidários de Lenin passaram a ganhar influência majoritária nos soviets das principais cidades do país. De 200 mil membros em julho, os bolcheviques passaram a contar com 350 mil no fim de outubro. A bandeira de “todo poder aos soviets” tornava-se amplamente hegemônicas nos espaços soviéticos de poder (FIGES, p. 457). Na noite do dia 6 de novembro (24 nov.), às vésperas do 2º Congresso dos Soviets, os bolcheviques lançaram uma ofensiva armada contra o Governo Provisório e

rapidamente conquistaram o controle dos principais centros de poder em Petrogrado. Era o primeiro ato da Revolução de Outubro.

Em 8 de novembro, o *TNYT* estampava em sua capa: “Bolcheviques tomam o controle de edifícios do governo, desafiando Kerenski”^{xxii} (*TNYT*, 8 nov. 1917, p. 1), trazendo as primeiras notícias sobre o levante. No dia seguinte, o jornal publicou extensa cobertura sobre a insurreição bolchevique, qualificada como uma “revolta maximalista”. Trotsky e Lenin ganham grande destaque e são apresentados como os líderes do movimento. Na cobertura, o jornal destacava o fato de Trotsky ter se exilado em Nova York, rumando para a Rússia pouco tempo após iniciada a revolução em março. Sobre Lenin, uma visão nada favorável:

Nikolai Lenine, denunciado por liberais moderados como o gênio da revolução na Rússia e acusado pelo general Brusilov como um agente pago pela Alemanha, parece ser a força diretiva por trás da presente insurreição, da mesma forma como foi o líder da revolta de julho, a qual foi contida após centenas de civis serem massacrados por metralhadoras de tropas seguindo a liderança dele^{xxiii} (*TNYT*, 9 nov. 1917, p. 2).

Após os bolcheviques tomarem o poder, o *TNYT* abandonou definitivamente a perspectiva de Kerenski se tornar o salvador da democracia russa. Ele, segundo o diário, fora responsável por não ter conduzido o governo com mão firme o suficiente para derrotar “os implacáveis leninistas”. O jornal passa então a buscar outro personagem para a salvação do país: “Embora Kerenski tenha falhado, alguém pode surgir com força suficiente para tomar o governo das mãos dos destrutivos bolcheviques”^{xxiv} (*The Bolshevik*, *TNYT*, 10 nov. 1917, p. 12). Duas semanas após, o *TNYT* ainda tratava a insurreição como uma revolta restrita a Petrogrado e seus arredores, saudando a ofensiva anti-bolchevique comandada pelo general Alexei Kaledine^{xxv}, que ocorria no sul da Rússia (*How Kerenski fell*, *TNYT*, 20 nov. 1917, p. 12).

Desde então, intensifica-se uma narrativa baseada nas representações que associam os bolcheviques a imagem de um grupo de indivíduos ignorantes e pouco civilizados: “[...] eles são pateticamente ignorantes, homens risíveis, infantis em política, sem o menor conhecimento das vastas forças em jogo.”^{xxvi} (*The Bolshevik*, *TNYT*, 10 nov. 1917, p. 12). Associado a isso, uma permanente reprodução de notícias que ressaltavam a desorganização econômica e social do país, com manchetes como: “O caos na Rússia só piora”, “Em direção à Guerra Civil” (*TNYT*, 23 nov. 1917, p. 2), “Despotismo, não liberdade”^{xxvii} (*TNYT*, 27 nov. 1917, p. 12).

Segundo a historiadora Lená de Menezes (2006), essas representações que procuravam associar os bolcheviques a um grupo de bárbaros – intensificadas no período da Guerra Civil – remetem às formas míticas de um confronto entre civilização e barbárie, representadas respectivamente pelo Ocidente e Oriente. Baseadas em rumores, desinformação, denúncia, difamação, as notícias tornavam-se símbolos do desregramento social trazido pela insurreição bolchevique. Segundo a autora: “a luta entre a civilização e a barbárie, para além de uma luta ideológica de sistemas em confronto, tornou-se, assim, um combate simbólico de grande alcance” (DE MENEZES, 2006, p. 398).

Em tempos de guerra, a paz se torna uma ameaça para os que desejam levar o conflito até os últimos sacrifícios. Dessa forma, os alertas sobre uma paz em separado com a Alemanha ganham centralidade no noticiário:

Uma ameaça de paz entre o governo alemão e os bolcheviques, que temporariamente controlam alguns dos edifícios do governo em Petrogrado, uma ameaça que professa retirar a Rússia da guerra. [...] Neste momento, a Rússia está sem governo, é incapaz de estabelecer a paz. É improvável que a maioria do povo dê atenção a uma declaração vinda dos bolcheviques de que a guerra terminou. Os aliados da Rússia não darão atenção, deverão declinar e considerar o país como uma nação neutra. Nosso governo, muito sabiamente, decidiu suspender o fornecimento de suprimentos de todos os tipos à Rússia até que algum governo responsável com que possamos negociar se estabilize^{xxviii} (*Russia's position*, *TNYT*, 22 nov. 1917, p. 12).

Nos meses seguintes à insurreição de outubro, a linha editorial do *TNYT* teve como foco questionar a ideia da existência de um governo formado pelos bolcheviques e pelos soviets, procurando deslegitimá-los e visando dar sustentação às ações contrárias ao novo governo, inclusive as primeiras ações militares do que viria a ser conhecido como Exército Branco. Destarte, figuraram com centralidade nos editoriais e nos noticiários os questionamentos sobre as negociações de um armistício com a Alemanha; um forte discurso antissocialista (o termo comunismo ainda não aparecia no jornal); o apoio a um possível embargo econômico anunciado pelos Aliados; o apoio explícito às ações do general Kaledine, responsável por organizar as primeiras ofensivas, no sul do país, do Exército Branco. Dessa forma, o editorial de 30 de novembro de 1917, explicita e sintetiza a linha política que o jornal assumirá até março de 1918, momento em que foi assinada a paz com a Alemanha, em Brest-Litovsk:

A ilusão é a comida e a bebida dos socialistas, sobretudo, dos socialistas internacionalistas. Vivem dela. Com efeito, a realidade está

além de sua visão. Esse aspecto psicológico deve entrar na consideração dos Aliados ao determinar quais medidas devam tomar para conter os estragos dos bolcheviques em Petrogrado, para destruir sua influência e seu poderio antes que consigam seu objetivo de uma paz em separado com a Alemanha, o que significaria, evidentemente, um desastre para os Aliados e a ruína e destruição da Rússia. [...] Ademais, o general Kaledine, possivelmente o homem forte que pode derrubar os bolcheviques, controla uma extensa parte do território e está, possivelmente, em uma posição de derrotar os esforços do “governo” de Petrogrado. [...] A razão não salvará a Rússia. Só há uma salvação para ela, uma maneira pela qual poderá ser salva dela própria e da Alemanha: é a força, força surgida do corpo da própria sociedade russa, capaz de destronar o governo socialista – muito mais despótico do que o Czar ousou ser-, e que trará de volta a sobriedade e a sanidade. Kaledine pode ser o indivíduo, ou pode ser algum outro dentro do grupo que se está formando em torno dele, os quais não são inimigos da revolução e sim iluminados amigos da liberdade russa. É da própria Rússia que a salvação pode vir. Os Aliados, caso queiram exercer alguma influência por lá, conseguirão de forma efetiva se apoiarem algum indivíduo ou grupo de pessoas que prometerem estabelecer o reino de ordem e sanidade^{xxix} (*Russia and the Allies*, *TNYT*, 30 nov. 1917, p. 12).

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, discutimos como o *TNYT* buscou produzir sentidos e significados para a revolução na Rússia, em grande medida, visando legitimar o exercício do poder pelo governo originado na Duma, considerado a única fonte de autoridade política do país. Todos os atores políticos que se interpunham a essa vontade manifesta pelo jornal foram considerados oponentes dos destinos da recém-conquistada liberdade. Desse modo, todas as formas de exercício de poder soviético e da atuação dos socialistas, na medida em que contrariavam os interesses do Governo Provisório, foram consideradas ilegítimas. O *TNYT*, destarte, opunha o que seria um caótico e desagregador Outubro ao glorioso Fevereiro.

Neste primeiro ano de revolução, já era perceptível, nas páginas do *TNYT*, com contornos bem definidos, elementos do que viria, no futuro, constituir parte de um acentuado discurso anticomunista, característica marcante das estratégias de lutas simbólicas dos periódicos liberais ocidentais contra o mundo soviético. Os elementos mais gerais desse imaginário anticomunista, relacionados a aspectos como caos, desordem, desagregação social, falta de liberdade aparecem recorrentemente nas páginas do jornal e na construção de imagens relacionadas, principalmente, aos bolcheviques, mas também aos socialistas em geral.

Por meio de interpretações enviesadas, seleção de notícias amplamente desfavorável, construção de representações desqualificadoras o jornal manipulava o noticiário e o discurso editorial sobre os acontecimentos na Rússia para reforçar valores, ideias e visões de mundo liberais e um acentuado discurso antissocialista.

Essas estratégias narrativas do *TNYT*, podemos afirmar, exerceram considerável influência na opinião pública ocidental sobre o caráter e a natureza do bolchevismo, buscando identificá-lo a uma proposta ditatorial que usurpava o poder por meio de uma atuação política ilegítima. Dessa forma, influenciando, em alguma medida, o imaginário social ocidental, com suas representações enviesadas sobre os bolcheviques e os revolucionários russos. Ademais de contribuir para que se legitimassem as intervenções do Exército Branco – forças contrarrevolucionárias que, nos anos posteriores ao fim do marco temporal deste trabalho, contaram com o auxílio econômico e militar dos Estados Unidos e de outras potências estrangeiras durante a Guerra Civil russa. Conflito que foi responsável, em grande medida, por exaurir os já frágeis recursos econômicos e humanos com que contava o novo governo.

Referências:

- ALONSO, Paula. Construcciones impresas. *Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920*. Buenos Aires: FCE, 2003.
- ALSTON, Charlotte. *Russia's Greatest Enemy? Harold Williams and the Russian Revolutions*. Londres: Tauris Academic Studies, 2007.
- BORRAT, Héctor. *El periódico actor político*. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007.
- DE MENEZES, Lená Medeiros. Civilização x barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a Revolução (1917-1921). In: NEVES, Lúcia Maria. Et al. (orgs). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- EMERY, Edwin. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924*. Nova York: Penguin Books, 1997.
- FITZPATRICK, Sheila. *La Revolución Rusa*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LINK, Arthur. *Woodrow Wilson: Revolution, War and Peace*. Arlington Heights: Harlan Davidson, 1979.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

- REIS Filho, Daniel Aarão. Uma revolução perdida: A história do socialismo soviético. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007
- SCHILD, Georg. *Between ideology and realpolitik: Woodrow Wilson and the Russian Revolution, 1917-1921*. Westport: Greenwood Press, 1995.
- TALESE, Gay. O reino e o poder: *uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TROTSKY, Leon. A História da Revolução Russa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 3v.

Notas:

ⁱ Sobre a recente produção historiográfica que utiliza a imprensa como fonte consultar: NEVES, Lúcia Maria. Et al. (orgs). História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ⁱⁱ Cabe lembrar que, na Rússia, até 31 de janeiro de 1918, vigorava o Calendário Juliano, treze dias defasado em relação ao Calendário Gregoriano. Dessa forma, as jornadas revolucionárias de fevereiro ocorreram entre os dias 22 e 27 de fevereiro de 1917 pelo calendário então vigente na Rússia. Neste artigo, teremos como referência principal o Calendário Gregoriano, privilegiando-se, assim, uma narrativa mais fluida ao usar o mesmo calendário utilizado pelo *TNYT*. Contudo, indicaremos entre parêntesis, quando nos referirmos aos eventos ocorridos na Rússia, as datas abreviadas correspondentes ao Calendário Juliano, uma vez que grande parte da historiografia as utiliza como referência e, provavelmente, são mais familiares ao leitor. Além disso, todas as datas se referem ao ano de 1917, a não ser que seja expressamente indicado o ano em questão.

ⁱⁱⁱ Surgida em 1905, expressando uma concessão da autocracia russa após as ondas revolucionárias daquele ano, a Duma era uma espécie de Parlamento eleito, embora com poderes legislativos limitados. Foi convocada em quatro ocasiões, na última delas funcionou entre 1912 e 1917.

^{iv} Neste trabalho utilizamos como referência a versão em inglês da obra de Figes, contudo encontra-se disponível em português uma tradução desse trabalho cuja referência é a seguinte: FIGES, Orlando. A tragédia de um povo: a Revolução Russa 1891-1924. Rio de Janeiro: Record, 1999.

^v Neste artigo, todos os textos em língua estrangeira são de nossa própria tradução. Em notas, seguem os trechos originais em inglês. “Revolution in Russia; Czar abdicates”.

^{vi} “The Russian people, through trusted leaders in the Duma and men of loyalty and enlightenment outside the Duma, have assumed the direction of affairs in the Empire. That is the aim and the achievement of the revolt in Petrograd”.

^{vii} “The other danger seems to be less formidable, but it will have to be faced.”

^{viii} “[...] all works of civilization and social progress upon which they could lay their hands”.

^{ix} Neste trabalho utilizamos como referência a 3ª edição dessa obra, cujo editor omitiu os nomes dos outros dois autores constantes na primeira edição publicada pela editora Civilização Brasileira. A referência dessa primeira edição é a seguinte: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz; MELO, Clóvis e ANDRADE, A. T. O ano vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

^x “Workmen in Russia vex new government. Their Deputies Seek to Run Things Their Own Way”.

^{xi} “An exaggerated jealousy of the rights of the people is the cause of the friction. The Council has announced that it is prerogative to ignore governmental authority when in its opinion such authority overrides popular freedom.”

^{xii} “There are in Russia some plotters, very likely acting under German instigation, who are seeking to do harm to the new Government. One of these organizations is the “Workmen’s and Soldiers’ Deputies”. of whose anarchist activities the dispatches have told us so much in the last few weeks. They are denounced in Petrograd as ‘evincing a desire to insure’ the defeat of the Russian Army and ‘a dishonorable peace’. That is distinguishing mark of the German propaganda. But these socialistic agitators are few in number compared with the great mass of Russian who are loyally supporting the new Government[...] They are denounced by all loyal Russian, and the Social Democratic Party and the Duma Labor Commission [...] Neither these men nor the delegates of the German Socialists who have been sent abroad to help in the work of sowing sedition in Russia will have any aid or sympathy from the great Russian people who are faithful supporters of the Government, or from the soldiers of Russia.”

^{xiii} “The Liberal Government in Russia is visibly threatened by a formidable counter-revolutionary unrest, which has not yet mobilized into a movement, but is being skillfully marshaled by German agents. Many of these agents are Russian Socialists who act with full knowledge of what they are

doing and who is to benefit.[...] The socialists, headed by Lenine an obvious German agent who was shipped back to Russia by Germany for the purpose, play Germany's hand by glittering catchwords, such as Lenine 'Dictatorship for the working class and democracy of the army' and seek to arouse hostility to the United States [...] If the German agents and the Socialists and agrarian agitators can produce a new revolution, they will bring about the wreck of Russia's hope of liberty. The first result will be anarchy, in which each party will struggle for the control of the Government, each in its turn be overthrown and out of chaos will come the Man on Horseback. [...] It is for this that the whole force of spies, traitors, and tempters whom Germany with feverish haste [...] This is the mighty disaster which the broad-minded Liberals ow in control in Russia are working with might and main to avert.”

^{xiv} “The Government of the United States has recognized as the Government of Russia the body of officials, appointed by the Committee of the Duma [...] It can have no possible relations with the Socialists and radicals who under the name of the Council of Workers' and Soldiers' Deputies have been holding meetings In the Chamber which the Duma occupies. [...] But we are told that the head of the Commission should be a man acceptable to the Russian radicals. A man gifted with the art of ingratiating himself in those circles of agitation and disturbance which it is believed, or feared may overthrow the actual Government and establish a Socialist Republic. If The United States were in fact a Socialist Republic such a men would naturally be chosen as its fit representative for this mission to Russia. So long, however, as we have in this country a Government of sane people, not of radicals and extremists, we are quite unable to see any merit in the suggestion that we should send to Petrograd a mission not in sympathy with the new Government but with its enemies, or those. who may prove to be its enemies.”

^{xv} “Russia will either in good faith keep the pledge given by her Provisional Government that she will loyally and to the and support the Allies in their efforts to overcome the common enemy, or her people will lose their newborn freedom by a fearful backsliding through anarchy into autocracy restored and maintained by German arms. [...] The Provisional Government, organized by the Committee or the Duma and made up of the most wisest statesmen of Russia, the truest friend of the Russian people, has been obliged to make dangerous com concessions to the Council of Workmen's and Soldiers' Deputies, because it must depend upon the support of the workmen for the continued supply at munitions A very large part of the laboring class in Russia is engaged in the manufacture of arms and equipment for the army. This explains why tile actual Government must tolerate the existence in Petrograd of a body of deputies who look upon themselves as a rival Government, making many demands and issuing their own orders.”

^{xvi} “The Jacobins of the French Revolution gave an appalling demonstration of what massed ignorance can do when it grasps Power. The men of this Council are on the reed to a like showing. They have no competence whatever for the direction of public snails, but, on the contrary, are completely equipped for works at destruction, ruin, and all political and national disasters by their acceptance of the radical and Socialistic theories that guide them.”

^{xvii} “Roused against leninities. Petrograd incensed by charge that they are German Spies”.

^{xviii} “Petrograd is quiet now, but there is a heavy and bitter feeling of humiliation and degradation in the air over this insane and preposterous adventure. The Crime was long prepared, its sources were evident, its agents again and again showed themselves not only unscrupulous, but cowardly. When brought to book they shuffled, lied, professed devotion to ideal aims, asseverated their impotence to stay the elemental movement of the masses, and then proceed as before to inflates these ignorant masses with their criminal propaganda. The Petrograd garrison and the thousands of Petrograd workers were left at the mercy of these petty conspirators who are now confronted with the direct charge that they are simply agents of the German Staff receiving continual supplies of money through notorious intermediaries in Stockholm, but they have not been arrested yet. [...] the prominent leninities, Kameneff and Lunacharsky, were arrested at the request of the Council of Workmen's' and Soldiers' Delegates. Kameneff sat for hours in the General Staff quarters for fear of being torn to pieces by the soldiers outside. The general feeling against leninities is strong, not to say violent.”

^{xix} “It Korniloff's 'rebellion' has ended in failure and surrender it is still much too early to say whether the defeat of the cause and the purposes he represented is a deliverance or a disaster for Russia. Korniloff was not, as some of the Petrograd dispatches have falsely represented him to be, an enemy of the revolution, a, plotter tor the restoration of autocratic ruler. He is a patriotic Russian, he has been sincerely devoted to the interests of Russia: he sought to give Russia a Government capable of enforcing the commands issued under its authority, an army organized for victory, not for taking to its heels In the face of the enemy.”

^{xx} “The best news that comes out of Russia contemporaneously with the announcement of Korniloff’s defeat is Kerensky’s promise to curtail the power of the soldiers’ committees. which at least may be a beginning of the rebuilding of military authority. [...] But Kerensky will not go far, he will not succeed in restoring order and liability at home and the credit of the nation abroad. [...] No great nation, and for that matter no small nation, can be successfully administered by such men and on such principles as have controlled in Russia since the Provisional Government allowed itself to be displaced by the Council of Workmen’s and Soldiers’ Delegates as chief authority of the State.”

^{xxi} “Those who believe that there is Providential guidance in the affairs of men and of nations might well hold the opinion that Russia has just now, in a time of possible peril, been held up as a terrible example of the effects of socialism. There we see socialistic doctrines and practice being tried out on a large scale. There is no possible escape from the conclusion that the present frightful confusion and disorganization that prevail in Russia, the awful calamity that impends over that nation, are directly due to the radical Socialists. The revolution set up a Government, in which, to be sure, Socialists had their share, but a Government of competent men of patriotic purposes and moderate views. Had they been left free to work out the national destiny of the people under their new-born freedom, we should have seen Russia still a great power in the War. We should have seen her hopefully on the way to the establishment of a sound representative Government capable of maintaining order at home and fulfilling her obligations abroad. But the Socialists, largely under German instigation, enlisted the proletariat against the Government, set up a self-constituted Government of their own, and since then we have heard little from Russia save of progressive ruin. [...] Here we have set up before the whole world an example sufficiently terrible of the calamities that befall a nation which permits itself to come under the control of a Socialist and proletariat Government.”

^{xxii} “Bolshevik seize State building, defying Kerenski”.

^{xxiii} “Nikolai Lenin, denounced by moderate liberals the world over as the evil genius of the Russian revolution, and accused by General Brusiloff as a paid German agent, appears to be the directing power behind the present outbreak, as he was openly the leader of the Maximalist rising in Petrograd on July, which was suppressed after several hundred of the civil population had been massacred by machine gun troops following his leadership.”

^{xxiv} “Yet, though Kerenski has failed, someone else may arise strong enough to take the Government out of the destructive hands of the Bolshevik.”

^{xxv} O general Alexei Kaledine, típico general cossaco da velha escola, esteve ao lado de Kornilov na sua investida contra o governo, em agosto. Logo após a insurreição bolchevique organizou uma força militar no sul do país, na província de Rostov, que rapidamente tomou várias cidades declarando-as independentes do novo governo (FIGES, p. 557).

^{xxvi} “[...] they are pathetically ignorant, shallow men, political children, without the slightest understanding of the vast forces they are playing with.”

^{xxvii} “Chaos in Russia is getting worse”, “Looks for civil war”, “Despotism, not liberty”.

^{xxviii} “A treaty of peace between the German Government and the Bolshevik. Who are temporary tenants of some of the Government buildings in Petrograd, a treaty professing to take Russia out of the war. [...] At the moment Russia is without a Government, it is incapable of making peace. It is unlikely that the majority of the people will heed a declaration that the war is ended coming from the Bolshevik. Russia’s allies would pay no attention to it, they would decline to consider Russia a neutral nation. Our Government has very wisely decided to withhold supplies of all kinds from Russia until some responsible government has been established with which we can do business.”

^{xxix} “Illusion is the meat and drink of Socialists, above all of international Socialists. They live on it. Consequently, realities are often beyond their ken. This psychological fact must be kept in view and always in mind by the Allies in determining what measures they shall take to stay the ravages of the Bolshevik in Petrograd, to destroy their influence and their power before they accomplish their purpose of concluding a separate peace with Germany, which would be, of course, a disaster to the Allies, but ruin and destruction for Russia [...] Moreover, General Kaledine, the possible strong man who may yet overthrow the Bolshevik. controls a large part of Russia’s territory and is possibly in a position to defeat the efforts of the Petrograd ‘government’. [...] Reason will not save Russia. There is but one salvation for her, but one way in which she can be saved from herself and from Germany, it is force, and Russian force arising from the body of Russian society, dethroning the Socialist Government. which is a greater despot than ever the Czar dared to be, and reasserting the control of the sober, sane, worthy part of the Russian people over their own affairs and their destiny. Kaledine may be the man, or it may be some one among the group who are reported to be assembling around him, not enemies of the revolution, but enlightened friends of Russian freedom.

It is only out of Russia itself that the saving help can come, and if the Allies are to exercise any influence there, it will be effective only if it take the form of encouragement to some man or group of men who give promise of being able to restore the reign of order and sanity.”

Artigo recebido 30 de novembro de 2016 e aprovado em 28 de fevereiro de 2017.